

Revolução Russa de 1917: olhares e opiniões expressas nos jornais anarquistas na América do Sul (*A Plebe* e *La Protesta*)

*Russian Revolution of 1917: views and opinions expressed in anarchist newspapers in South America (*A Plebe* and *La Protesta*)*

Matheus Barrientos Ferreira,¹UEM

Resumo

A presente escrita tem por finalidade o estudo a respeito das notícias e abordagens expostas nas páginas dos jornais anarquistas *A Plebe* (1917-1951) e *La Protesta* (1892-2015) a respeito sobre os acontecimentos que constituíram a Revolução Russa (1917). Os eventos do ano de 1917 dentro da Federação Russa ocasionaram não somente notícias dentro do território europeu, como foram pautas em diferentes números dos respectivos jornais anarquistas no Brasil e Argentina. Dentro do recorte temporal de 1917, a imprensa anarquista buscou transfigurar aos seus leitores, a organização e ação conjunta em território russo. Por fim, os jornais *A Plebe* e *La Protesta* buscaram não somente enaltecer o movimento, mas como, identificar e criticar pontos bases que para os anarquistas levavam o processo revolucionário russo a um caminho turbulento e afastado daqueles que compunham a base social.

Palavras-chave: Revolução Russa; Anarquismo; Imprensa; *A Plebe*; *La Protesta*.

Abstract

The purpose of this article is to study the news and approaches presented in the pages of the anarchist newspapers *A Plebe* (1917-1951) and *La Protesta* (1892-2015) regarding the events that made up the Russian Revolution (1917). The events of 1917 in the Russian Federation not only caused news in Europe, but were also covered in different issues of the respective anarchist newspapers in Brazil and Argentina. Within the time frame of 1917, the anarchist press sought to transfigure the organization and joint action on Russian territory for its readers. Finally, the newspapers *A Plebe* and *La Protesta* sought not only to praise the movement, but also to identify and criticize the basic points that, for the anarchists, led the Russian revolutionary process down a turbulent path and away from those who made up the social base.

Keywords: Russian Revolution; Anarchism; Press; *A Plebe*; *La Protesta*.

Introdução

O breve século XX como outrora foi intitulado por Eric Hobsbawm (1995), apresentou dentro de suas primeiras décadas complexo colapso e queda de muitos impérios ao redor do

¹ Graduado em História pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) – Presidente Prudente/SP; Mestre pelo Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina/PR; Doutorado como Aluno Regular pelo Programa de Doutorado em História Política da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Maringá/PR; Revisor de Texto da Revista Domínios da Imagem (UEL) – Londrina/PR e Editor-Chefe adjunto/Editor de Texto da Revista 29 de Abril (UEM) – Maringá/PR, e-mail: barrientosmatheus@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4320-6377>.

globo. O processo desencadeado em território russo no ano de 1917 representou a mudança decisiva na História Contemporânea, como bem explica Iamara Silva Andrade (2021).

O processo revolucionário propaga no bojo das sociedades que se envolvem a esperança de emancipação frente às mazelas que os prendem, reflete Hannah Arendt (2011). O fator russo promoveu a queda não somente de um sistema econômico e governamental, assim como, transformações profundas nas raízes sociais que compunham as estruturas da sociedade russa desde tempos longevos.

Hobsbawm (2013) descreve as revoluções que ocorreram entre os anos de 1917-18 estando estreitamente interligadas aos acontecimentos oriundos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em resposta aos horrores da guerra e suas crises infinitas que atingiram as diversas sociedades diretamente ou indiretamente, como bem explica Fernando Sarti Ferreira (2018). Destacando o autor citado no começo do parágrafo, “foram revoluções populares, rejeições populares do Estado, das classes dominantes e do *status quo*.” (Hobsbawm, 2013, p. 340).

Os levantes populares do dia 23 de fevereiro de 1917 promoveram a queda do regime autocrático do Czar Nicolau II, definido por Angelo Segrillo (2010) como evento caótico e espontâneo, se alastrando ao longo dos meses até o seu desfecho em novembro do respectivo ano. Vale lembrar que o processo ocorrido no segundo semestre ganhou a denominação de Revolução de Outubro, pois os russos ainda utilizavam o calendário juliano, em referência ao período como sendo o mês de outubro, e não novembro.

A Revolução Russa (1917) proporcionou muito mais do que a ascensão dos comunistas (Partido Comunista) ao poder ou a batalha entre Mencheviques e Bolcheviques, significou importante reformulação de diferentes diretrizes sociais, principalmente dentro do campo trabalhista, em que novas legislações se fizeram presentes no estabelecer das relações entre a burguesia e o operariado. Para os territórios atingidos pelos desdobramentos da Revolução de Outubro, a principal herança fora a modernização e industrialização para muitos que vivenciavam uma atrasada agricultura, como bem explica Hobsbawm (1995).

O processo de escrita da Nova História Política proporcionou o ampliar do vasto campo de estudos a respeito das ações comunistas e seu governo em território russo. O inserir de novas fontes na historiografia política – Imprensa; Opinião Pública; Relações Sociais; Cultura – fatores esses como o papel da imprensa que fora fundamental para a disseminação ideológica e factual em diferentes nações, proporcionando ao historiador ângulos distintos da influência proporcionada muito além de seu território.

Dentro da respectiva escrita não entrarei no campo historiográfico afundo sobre os acontecimentos da Revolução Russa, seus desdobramentos que antecederam e sucederam o processo, pois o objetivo está ligado diretamente a interpretação e transmissão dos acontecimentos nas páginas do *A Plebe* (1917-1951) e *La Protesta* (1892-2015).

A Plebe – Periódico ligado ao movimento operário e anarquista, circulou nas ruas da cidade de São Paulo entre 1917-1951, a sua presença pode ser apontada por muitos estudos historiográficos recentes como sendo a continuação das pautas apresentadas no periódico anticlerical, *A Lanterna* (1901-1935), que também circulou na capital do estado no início do século XX.

O jornal *A Plebe* nasceu no bojo do movimento social/industrial que tomava as ruas da cidade de São Paulo buscando mudanças radicais para a realidade da classe, a Greve Geral de 1917, movimento que paralisou diferentes setores industriais entorno das reivindicações sindicais operárias. O periódico alcançou números superiores de 400 exemplares publicados, ao custo de \$100 réis cada unidade, planos de assinatura eram oferecidos, semestrais, 5\$000 réis, anual, 10\$000 réis. Importante frisar que sua publicação acontecia aos sábados, podendo ser adquirido na capital São Paulo, como, nos pontos de venda localizados na região da Sé (região central da cidade). Vale ressaltar que o respectivo meio de comunicação anarquista enfrentou períodos de interrupções (empastelamentos) que proporcionaram sua ausência nas ruas da cidade.

La Protesta – Periódico ligado ao movimento trabalhista que circulou nas ruas da cidade de Buenos Aires entre 1897-2015, foi fundado por um grupo de trabalhadores que tinham o desejo de propagar a ideologia anarquista e promover novas reflexões para a sociedade, proporcionando o enriquecer cognitivo de cada cidadão. Fundado em 1897, no contexto do final do século XIX, o jornal *La Protesta* emergiu como um importante veículo de expressão da classe trabalhadora argentina.

Inicialmente com o título de *La Protesta Humana*, mas que através da campanha de popularização e visando simplificar sua pronúncia e nome, em 1903 transformou-se em, *La Protesta*. Segundo Mirta Zaida Lobato (2009), nesse período, Buenos Aires vivenciou uma proliferação de periódicos, muitos deles com o objetivo de promover o diálogo e a organização dos trabalhadores.

Durante o período em que esteve em circulação, em primeiro momento os exemplares eram vendidos todas às quintas e domingos, passando por períodos em que o jornal se transformou em diário, obtendo números superiores aos de 8000 mil exemplares publicados, com custo que variou de \$0,05 e \$0,02 centavos de peso argentino.

A comparação entre *A Plebe* (Brasil) e *La Protesta* (Argentina) permite identificar semelhanças e diferenças não somente na realidade presenciada, mas como, nas propostas apresentadas em suas páginas. Deste modo, demonstrando duas visões amplas que se divergem e convergem sobre o mesmo fato, dentro de cada campo individual sobre a visão do desenvolvimento que era propagado pelo processo russo instaurado em 1917.

Marc Bloch (1998), refletiu em sua escrita que os estudos históricos dentro do campo da comparação, baseiam-se na escolha de um ou mais pontos de convergência ou divergência em diferentes sociedades. Através do campo da História Comparada, busco então compreender as semelhanças e diferenças nos olhares e opiniões a respeito da Revolução Russa (1917) em decorrência das notícias que chegavam até à América do Sul (Brasil-Argentina).

Considero a imprensa como os primeiros meios que deram início ao que chamamos na atualidade de historiografia sobre a Revolução Russa, mesmo que por diferentes ângulos e intensões a *colcha de retalhos* que se transformaria em ampla e vasta escrita a respeito dos desdobramentos de 1917, apresentou-se nas páginas da imprensa no bojo de distintas sociedades, contribuindo muito além da informação.

O ano de 1917 aponta Ferreira (2018) como grande explosão de mobilização e organização da classe trabalhadora, o fator descrito foi perceptível tanto na Argentina como no Brasil, já que a crise econômica e social começou a gerar desconfortos nas respectivas sociedades, muito pela elevação do desemprego e a queda dos soldos. Os acontecimentos russos tomaram proporções mundiais, agindo e sendo interpretado em diferentes nações, não foi diferente na América Latina, o impacto maiúsculo dos seus dizeres e ações, como apontado por Ricardo Falcón (2000).

A transmissão dos acontecimentos revolucionários russos chegou ao conhecimento dos trabalhadores e foram recebidos com grandes entusiasmos. Deste modo, acreditavam como em outrora seus *irmãos de classe* haviam conseguido promover a mudança social/política/econômica dentro do fato abordado no continente europeu, proporcionariam as respectivas mudanças e os avanços necessários para a promoção da justiça, liberdade e igualdade social, como bem explica Rogério H. Z. Nascimento (2017).

A imprensa anarquista brasileira e argentina souberam explorar os fatos revolucionários para além da notícia, através de suas páginas buscou-se descrever aos operários e outros diferentes cidadãos a sua importância dentro da conjuntura de luta social. As notícias foram utilizadas como intermediador para a criação da consciência de classe no bojo do agrupamento dos trabalhadores.

Revolução Russa: A Plebe

Antes de qualquer abordagem sobre os fatores que compuseram as ações que resultaram na queda do czarismo, e suas consequências. Importante a compreensão da visão anarquista sobre os fatos que antecederam, atribuindo importante culpa aos horrores e suas crises infinitas do conflito bélico no território europeu, Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Justino Montalvão assim reflete sobre o conflito nas páginas do *A Plebe*, “Sim, é preciso desprestigiar a guerra, e mostrar em toda a sua horocidade bestial o rietos odioso dessa face do monstro de fogo e aço.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 2, p. 4), ainda o jornal, “A revolução russa traz, é claro, o triste sello da guerra.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 7, p. 2).

Os acontecimentos a partir de fevereiro de 1917 não ficaram restritos ao território russo, muito do que se viu foi sua internacionalização, as causas direcionadas as pautas que já outrora foram discutidas entre as lideranças operárias passaram a frequentar a mobilização revolucionária. Deste modo, os fatos foram recebidos pelos anarquistas brasileiros com extremo entusiasmo segundo Leandro Ribeiro Gomes (2012), que ainda explica a semelhança das pautas dos movimentos em questão, caracterizando os libertários paulistanos como, *anarquistas socialistas*.

A partir do mês de junho do respectivo ano, o jornal *A Plebe* passou a apresentar em suas páginas artigos e notícias em diferentes momentos e por distintos ângulos, os fatos que chegavam sobre os acontecidos no desenvolver da Revolução Russa (1917). O autor ao abordar a aproximação dos anarquistas com os ocorridos, descreve certo zelo, e me coloco em comunhão com seu pensamento, pois entre elogios, vislumbres sobre o progresso e inspirações para os operários, as críticas não deixaram de compor as abordagens.

Em 9 de junho de 1917, com a manchete, *PELA DESORDEM!*, Bazillio Torrezão relatava grande entusiasmos perante os acontecimentos mundiais, e acreditava que as ações positivas no continente europeu se espelhariam em solo brasileiro. Entretanto, mesmo com todo entusiasmo e positividade, o anarquista não deixou de expor seu pensamento crítico a condução do processo revolucionário russo, “Na Russia... ah! Na Russia então, aquillo está um modelo de confusão. Ninguém se entende no ex-imperio dos czares: governo provisorio, ministros, a Duma, “comités” de operarios e soldados, camponeses.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 1, p. 2).

Se apresenta no bojo da escrita deste artigo vultosa problemática, mesmo os anarquistas enaltecendo tantos pontos que acreditavam necessários haver as respectivas ações revolucionárias, para que o estado burguês e sua exploração sobre a mão de obra

terminassem, não houve concordância no que se propunha do instalar a ditadura do proletário. Os anarquistas segundo André Santoro Fernandes e Kauan William dos Santos (2018), não desejam o fim dos partidos e das ideologias que circulavam e compunham a sociedade, a ação poderia dar fim ao dinamismo social.

Importante antemão a qualquer avanço na escrita, descrever que o anarquismo em sua base ideológica, acredita em uma sociedade livre, sem os estigmas, preceitos e instituições que controlam as vidas dos cidadãos, descrito pelo Dicionário Político (1998), “Uma sociedade, livre de todo o domínio político autoritário, na qual o homem se afirmaria apenas através da própria ação exercida livremente num contexto sócio-político em que todos deverão ser livres.” (Bobbio *et. al.*, 1998, p. 23).

Mesmo com a precariedade de informações e depoimentos daqueles que estavam vivenciando os ocorridos, Edgard Leuenroth (1881-1968) principal editor do jornal, em colaboração com tantos outros que redigiram as páginas do *A Plebe*, buscou proporcionar muito além das informações a qual tinha acesso. Reflexões foram expostas aos leitores, para que a organização e ação dos revolucionários russos em determinados pontos, inspirassem os operários paulistanos e que fosse então reproduzido em solo brasileiro a grande, *Revolução Social*.

Florentino de Carvalho foi o pseudônimo mais conhecido de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947), acreditava que os socialistas ao contrário de trazerem soluções, provocavam confusões de entendimentos entre a sociedade e o Estado, como bem explica Nascimento (2017). Por outro lado, Astrojildo Pereira (1890-1965), procurou demonstrar em seus textos o apoio à Revolução Bolchevique, explica Carlos Prado (2017).

Percebe-se grande nuance e multiplicidade de pensamentos/opiniões sobre os ocorridos na Rússia, essa foi a premissa editorial dos textos que passaram a compor as páginas do jornal anarquista. As suas nuances apresentavam elogios, apoios, mas sem deixar de criticar muitos caminhos compreendidos como errados que foram tomados pelo movimento revolucionário, segundo a visão das lideranças do movimento anarquista paulistano. Principalmente como exposto por Tiago Bernardon de Oliveira (2009) a falta de democracia e liberdade no governo que ascendia ao poder:

Para os anarquistas, a centralização política, a censura à livre expressão de pensamento, a hipertrofia do Estado, os atentados contra os direitos individuais e a criação de uma nova classe de burocratas dirigentes, nada mais era do que a concretização inevitável de uma ditadura do proletariado. (Oliveira, 2009, p. 16).

O jornal proporcionou uma seção particular somente para abordar os acontecimentos da Revolução Russa e seus adjacentes, *Ao redor da epopeia russa*, com manchetes que buscavam o enaltecer dos fatos como fora visto a partir de julho de 1917, “A grandiosa epopeia russa” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 4, p. 2). Segundo ainda o pensamento do autor citado acima, a imprensa operária criou grande entusiasmo, destacando a união entre diferentes grupos de trabalhadores constituindo uma única classe e um único objetivo:

A imprensa operária fez grande alarde sobre os avanços da revolução russa, vista como uma revolução libertária, ainda que utilizando-se de métodos táticos que empregassem os instrumentos disponibilizados pelo Estado, dando especial destaque à união entre trabalhadores da cidade e do campo com os soldados do exército e da marinha. (Oliveira, 2009, p. 115).

Em 16 de junho, poucas semanas antes do estourar da greve na cidade de São Paulo, Greve Geral, o jornal através do artigo redigido pelo anarquista Helio Negro (1881-), expôs fortes críticas aos pilares que constituíam a sociedade russa, não sendo um caso isolado, muito pelo contrário, constituindo boa parte das sociedades globais, “Os deveres dos pobres brigam com os direitos dos ricos.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 2, p. 2). Mas principalmente a legitimidade da revolta dos trabalhadores perante a exploração sofrida, “A primeira forma de guerra representa a revolta legítima do espoliado contra o espoliador.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 2, p. 2).

As vésperas das greves gerais, em 30 de junho, os anarquistas culpavam a imprensa burguesa e as políticas externas como inimigos que tentavam desunir os membros do movimento russo, “A imprensa burguesa, anunciando a revolução russa, procurou atribuir a Duma monárquica e aos liberais panslavistas, ao mesmo tempo que ocultava a ação proletária e o papel dos socialistas.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 4, p. 2). Complementa Prado (2017), “Questionando alguns dos jornais burgueses que difamavam e distorciam os acontecimentos na Rússia.” (Prado, 2017, p. 66).

Um dos fatores que se apresentava como importante barreira para a consolidação e união da classe operária paulistana, foi abordado pelo jornal como fator que atrapalhava o desenvolvimento do processo revolucionário russo, “*Parece que a revolução já apagou, dentro da Rússia, algumas divergências entre revolucionários sociais. A ação tem desses efeitos salutares.*” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 4, p. 2). Deste modo, buscou-se exemplificar e noticiar aos operários que sua falta de união poderia enfraquecer o movimento e seu objetivo em relação à classe.

Devido aos acontecimentos e paralisações na capital paulista, nas duas semanas que prosseguiram a ocorrência dos fatos, *A Plebe* não trouxe artigos ou informações sobre os desdobramentos da revolução russa, muito pela necessidade de focar na organização operária, não apresentando o aspecto de só mais um motim de trabalhadores.

Duas semanas após o início dos eventos que paralisaram a produção industrial no município, no dia 21 de julho, o jornal através da manchete, *O REGIMEN DA FOME – IMITEMOS A RUSSIA*, apresentou forte crítica a entrada do Brasil no conflito europeu, designando que este era de interesse comercial e financeiro das principais potências, proporcionando as piores consequências para a sociedade, como aumento da pobreza. Deste modo, a solução apresentada e que já vinha sendo discutida dentro de muitas reuniões anarquistas, a formação de um partido que defendesse a causa, “Procuramnos evital-a por todos os meios, ou então, tirar desse desastrado acontecimento um partido para a causa que defendemos, agitando as massas e exortando-as para o exemplo da Russia.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 6, p. 3).

Vitor Ahagon (2019), fomenta a importância do processo russo dentro das organizações operárias em São Paulo, “As experiências da greve junto aos acontecimentos da Rússia revolucionária fizeram com que o movimento operário e anarquista ganhasse novo fôlego.” (Ahagon, 2019, p. 25). Os anarquistas brasileiros enxergavam nas ações socialistas muitas soluções para as realidades presenciadas, “Os anarquistas no Brasil, por um lado, se preocupavam com os caminhos que a revolução estava tomando e, por outro, mostravam o entusiasmo e inspiração que este acontecimento lhes causavam.” (Ahagon, 2019, p. 26).

Não posso apontar como havendo total concordância por parte dos anarquistas perante o processo desencadeado na Rússia, pois na verdade, o que havia era a falta de opções sobre movimentos concretos que tinham conseguido despertar e unir a classe operária em prol de um objetivo maior. Mesmo que em muitas vezes houvesse o distanciamento das diretrizes que regiam os dois movimentos em questão, ainda exposto pelo jornal, “A falta segundo parece, de um caracterizado movimento anarchista, devemos contentar-nos com as manifestações das varias correntes socialistas.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 7, p. 2).

A partir do avanço socialista, a tomada do poder, e sua consolidação, os anarquistas paulistanos passaram a discutir em suas reuniões sobre a viabilidade ou não da mesma atitude em relação as instituições que governavam o município, como apontado por Alex Buzeli Bonomo (2007). Apresentado pelo jornal em 28 de julho, “Depois do desenvolvimento interior da revolução russa, e que, evidentemente, mais nos pôde interessar é a sua influencia nos outros paizes.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 7, p. 2). Nítido que a opinião sobre a tomada do

poder não se fazia unificada entre os anarquistas, muito pela necessidade primeiramente de resolverem problemas estruturais e sociais que regiam a conjuntura em questão.

O fato é que as lutas anarquistas, socialistas, segundo o jornal não trariam qualquer resultado positivo enquanto os grupos envolvidos não compreendessem sua essência, os caminhos a serem seguidos, e principalmente falsa ilusão de conquista:

Emquanto os operarios e soldados dos paizes alliados não se convencerem de que para combater o facto pela justiça e pela liberdade, ha um methodo muito mais pratico, mais economico em vidas e riquezas humanas, e demethodo, experimentado isoladamente na Russia, não deu, como era de esperar, resultados completos. Mas uma vez estendido aos demais paízes em luta, mascarará infallivelmente o início de uma nova era de verdadeira felicidade e bem-estar sobre a terra. (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 8, p. 4).

“A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior ou exterior.” (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 10, p. 2), as últimas publicações do *A Plebe* datadas de 18-25 de agosto, defendiam o manter das posições por parte dos integrantes do movimento, contra aqueles que ansiavam por sua derrota. Trouxeram os últimos relatos e pensamentos sobre os acontecimentos russos, já que posteriormente o foco de sua escrita esteve restrito as causas operárias no Brasil. Sobretudo, em outubro do respectivo ano, o periódico sofreu o processo de empastelamento orquestrado pelas instituições governamentais.

Acreditavam as lideranças anarquistas que a Revolução Russa seria o grande espelho para o movimento operário na cidade de São Paulo:

A actual revolução na Russia, é um exemplo e um incentivo. Ella mostra que a emancipação concreta e completa do povo só pode ser resultado da acção direta do proprio povo. Que os trabalhadores do Brazil se mirem neste espelho e se instruem eficazmente com esta lição. (*A Plebe*, 1917, ano 1, n. 11, p. 4).

Revolução Russa: *La Protesta*

Falcón (2000), explica que a chegada sobre os acontecimentos que remodelavam os pilares que sustentavam a sociedade russa, atingiu de forma positiva muitos grupos ideológicos, mas principalmente os socialistas argentinos. As ações revolucionárias não só preencheram o conhecimento cognitivo dos anarquistas, geraram diferentes debates dentro do movimento, principalmente sobre a postura de execução pelos russos, e que alguns integrantes argentinos acreditavam necessárias ao país. O que o autor ainda define como a formação da postura pró-bolchevique.

O jornal anarquista argentino *La Protesta*, pode abordar desde os primeiros instantes os desdobramentos que eram impostos ao processo revolucionário russo, noticiando o início

dos eventuais acontecimentos no mês de março, que hoje temos a compreensão no fim de fevereiro do ano de 1917. Em 30 de março de 1917, com a manchete, *LA REVOLUCION RUSA*², “*La caída de un régimen como el de Rusia que resume todo el despotismo que imaginarse puede, es algo más que un cambio de gobierno. Es el pasado que huye, para dar lugar al presente con saludables reacciones del progreso.*”³ (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3045, p. 1).

O contexto da participação dos trabalhadores argentinos dentro dos movimentos grevistas presenciou grande crescimento com números de 24.321 para 136.062 grevistas, como bem explica Ferreira (2018). Dentro da nova realidade apresentada, as informações sobre a organização revolucionária e operária russa chegaram em momento propício, promovendo diferentes reflexões positivas e negativas sobre os acontecimentos, até mesmo em outro momento, o afastar daqueles que se mantinham aguerridos aos propósitos revolucionário russo, *anarcobolcheviques*, explica Ferreira (2023).

Um fator importante apresentado é a participação dos anarquistas entre os socialistas que conduziam o processo russo. Deste modo, rompendo um dos principais paradigmas sobre a rivalidade ou não, entre os dois grupos ideológicos. Contudo, o jornal buscou principalmente descrever a ação e importância dos anarquistas, em 1 de abril:

Según las noticias que sucesivamente van llegando de Rusia desde que se declaró allí la gran revolución que há dado por tierra con el czarismo y sus anexos, parece que los anarquistas, fieles a la pureza teórica de su doctrina, están empeñados en llevar los acontecimientos a su última consecuencia.⁴ (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3048, p. 2).

Abordar a participação dos anarquistas dentro dos acontecimentos em território russo e seu apoio ao governo que se moldava, não significa dizer que os anarquistas argentinos apoiavam por completo essas ações. Muito pelo contrário, até mesmo nos primeiros escritos, demonstraram a todo momento certa desconfiança em relação aos fatos, sempre proporcionando reflexões positivas que poderiam agregar o movimento operário local, mas que certas cautelas deveriam ser tomadas.

² “A Revolução Russa” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3045, p. 1) (Tradução do autor).

³ “A queda de um regime como o russo, que encerra todo o despotismo imaginável, é mais do que uma mudança de governo. É a fuga do passado, para dar lugar ao presente como reações saudáveis de progresso.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3045, p. 1) (Tradução do autor).

⁴ “De acordo com as notícias que têm chegado sucessivamente da Rússia desde que foi declarada a grande revolução, que pôs fim ao czarismo e aos seus anexos, parece que os anarquistas, fiéis à pureza teórica da sua doutrina, estão determinados a levar os acontecimentos até às últimas consequências.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3048, p. 2) (Tradução do autor).

Em notícia publica em 15 de abril, o jornal abordava as primeiras organizações dentro do partido operário em relação com a política externa, muito no que pautava ainda o desenrolar dos acontecimentos no conflito mundial. Mas sem deixar de criticar e expor os horrores da guerra, e como tais deveriam ser combatidos. Entretanto, com a publicação em 9 de maio, o jornal trouxe consigo em primeiro momento o entusiasmo que outrora fora visto em diferentes publicações até o momento sobre as glórias conquistadas pela ação dos trabalhadores russos. Porém, dentro da mesma publicação despertava a preocupação dos anarquistas argentinos perante a falta de instabilidade e organização do governo provisório juntamente com trabalhadores e soldados:

El gobierno provisional está atravesando la primera gran crisis política que es inevitable en una época como la actual y cuyo origen remonta a los días de la revolución, cuando el gobierno tuvo que someterse a la fiscalización del consejo de obreros y soldados.⁵ (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3059, p. 3).

O que se pode perceber foi a ausência de notícias específicas sobre a Revolução Russa ao longo dos meses de junho e julho, sendo publicados artigos com propostas reflexivas sobre as diretrizes do processo revolucionário e sua essência. Como fora exposto em 5 de junho:

Desde que se definió, tuvo por punto de partida la revolución, como medio único que le permitiera hacer efectivas sus aspiraciones de libertad ordenando la vida humana en el régimen de apoyo mutuo, donde la evolución se continuará manifestando libremente, sin la necesidad del empleo de los medios violentos.⁶ (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3032, p. 1).

Em amplos e distintos momentos o jornal buscou muito além de noticiar os fatos que estavam em execução no território russo, a tentativa de construir ao leitor o verdadeiro significado por trás de todo o ocorrido, como podemos analisar na manchete publicada no dia 2 de agosto, *El verdadero significado de la revulición rusa*.⁷ Assim como, dentro da prerrogativa exaltada até aqui, o papel dos anarquistas perante a conjuntura revolucionária se apresentou como essencial e necessária, para que houvesse o estigma daqueles que aqui na América do Sul buscavam compreender o verdadeiro papel daqueles que diziam serem seus representantes operários, “*Todas las entidades del país – desde el partido Social-Democrata*

⁵ “O Governo Provisório está a atravessar a primeira grande crise política que é inevitável numa época como a atual e cuja origem remonta aos dias da revolução, quando o governo tinha de se submeter à supervisão do conselho de trabalhadores e soldados.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3059, p. 3) (Tradução do autor).

⁶ “Desde o momento em que se definiu, o seu ponto de partida foi a revolução, como único meio de realizar as suas aspirações de liberdade, ordenando a vida humana num regime de apoio mútuo, onde a evolução continuaria a manifestar-se livremente, sem necessidade de recorrer a meios violentos.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3032, p. 1) (Tradução do autor).

⁷ “O verdadeiro significado da Revolução Russa.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3131, p. 2) (Tradução do autor).

*hasta los nuestros, los Comunistas-Anárquicos – resolvieron en contra los dos problemas propuestos por alguien. No más guerra! No más opresión!”*⁸ (La Protesta, 1917, ano 11, n. 3131, p. 2).

Entretanto, não se pode analisar a proposta editorial do jornal anarquista argentino sendo seguidor fiel aos dizeres e objetivos dos russos, já que um dos pontos principais da escrita anarquista argentina era o questionamento e oposição aos caminhos que estavam sendo percorridos pelas lideranças comunistas. Outrora tenho apresentado a contrariedade ao sistema de governo único e autoritário, no qual para os anarquistas sucumbiam a multiplicidade e dinâmica social. Vejamos no texto publicado em 12 setembro, “*Ahogada la revolución bajo la bota de la dictadura, Rusia pareció llegar al punto culminante de un ciclo histórico: a la democracia burguesa.*”⁹ (La Protesta, 1917, ano 11, n. 3166, p. 1).

Como apresentado por Lobato (2000), “Temor infundido por la Revolución Rusa.”¹⁰ (Lobato, 2000, p. 360), havia a necessidade dentro da própria sociedade argentina por respostas quanto aos fatos, mas principalmente ao passado. Antes de construir o presente através das pautas socialistas, estabelecendo-se como regentes das ações revolucionárias sociais contra os pilares de exploração das classes mais baixas, houve a necessidade de desconstruir o *fantasma do comunismo*, assim como, a insegurança perante a ditadura do proletariado.

Deste modo, os redatores do jornal buscaram antemão explicar aos seus leitores sua posição de desconfiança, e com concordâncias pontuais perante aquilo que se apresentava como uma das maiores revoluções sociais da história. Já que a organização política e governamental exposta pelos comunistas feriam em muitos pontos as diretrizes que regiam o pensamento anarquista, perante o que vislumbravam suas lideranças para uma sociedade igualitária e dinâmica.

O mês de novembro representou para a Revolução Russa o divisor entre os primeiros instantes pautados no governo provisório e a consolidação dos bolcheviques ao poder, apontado por Segrillo (2010) através dos erros cometidos por Kerensky (Primeiro-Ministro do Governo Provisório), “seus experimentos arriscados e mal-sucedidos, abriram caminhos aos bolcheviques.” (Segrillo, 2010, p. 66).

⁸ “Todas as entidades do país - desde o partido social-democrata até ao nosso, os comunistas-anarquistas - resolveram contra os dois problemas propostos por alguém. Não mais guerra! Não à opressão!” (La Protesta, 1917, ano 11, n. 3131, p. 2) (Tradução do autor).

⁹ “Com a revolução afogada sob a bota da ditadura, a Rússia parecia atingir o ponto culminante de um ciclo histórico: a democracia burguesa.” (La Protesta, 1917, ano 11, n. 3166, p. 1) (Tradução do autor).

¹⁰ “Medo instilado pela Revolução Russa.” (Lobato, 2000, p. 360) (Tradução do autor).

Na data de 25 de novembro, o jornal trouxe consigo a demonstração de apoio a organização bolchevique, e os erros do antigo governo como relatado pelo autor anteriormente, “Cuando qué decapitado, ahora en el corrente mes de noviembre, el poder burgués que representaba el famoso personaje llamado Kerensky, los compañeros de Petrogrado.”¹¹ (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3230, p. 2).

Por fim, os redatores do jornal *La Protesta* acreditavam que as ações bolcheviques foram necessárias, principalmente pautadas nas necessidades de defesa contra as pressões externas. Como exemplificado sobre os questionamentos que surgiam na sociedade russa e externa, sobre a morte do czar, “Había, pues, necesidad, antes de anunciar toda la verdad, ir preparando el ambiente.”¹² (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3230, p. 2).

Considerações Finais

Conclui-se que as notícias sobre os acontecimentos a respeito da Revolução Russa, foram apresentadas nos periódicos anarquistas em questão com pautas diversas, muito além da notícia, o objetivo central da disseminação sobre os fatos pautava-se na compreensão das diretrizes da organização operária e seus caminhos seguidos para o desmembrar e reorganizar a sociedade burguesa que regia as instituições governamentais. Buscavam direcionar os leitores sobre a organização dos grupos operários e militares para o confrontar não somente o controle burguês, assim como, as culturas e organizações que pautavam o viver em sociedade.

Ambos apresentaram as notícias com excepcional semelhança, buscando a fidelidade na descrição dos fatos, principalmente pautadas nos relatos que chegavam através de integrantes do movimento. Entretanto, sempre indicando aos seus leitores a cautela sobre o avanço do movimento, já que muitas das ações foram identificadas como contrárias a liberdade social que almejava o movimento anarquista.

Deste modo, ambos os periódicos anarquistas expressaram fortes críticas as lideranças comunistas, que no olhar dos libertários feriram a igualdade almejada em sua essência, constituindo um governo pautado e definido como contraditório, *comunista burguês*. A falta de ascensão social de muitos grupos de trabalhadores, além principalmente da repressão imposta.

As críticas apresentadas em diferentes momentos da escrita dos jornais, representaram a essência do anarquismo, o gerar do desconforto nas solidificadas estruturas que regem as

¹¹ “Quando o poder burguês representado pela famosa personagem chamada Kerensky foi decapitado, agora no atual mês de novembro, os camaradas de Petrogrado.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3230, p. 2) (Tradução do autor).

¹² “Era, pois, necessário, antes de anunciar toda a verdade, preparar o ambiente.” (*La Protesta*, 1917, ano 11, n. 3230, p. 2) (Tradução do autor).

sociedades ao longo de longevos temporais, buscando a defesa da liberdade individual com olhar na coletividade. Deste modo, as organizações para a queda do imperialismo foram exaltadas, em muitos momentos exposta como necessária sua introdução no bojo da organização anarquistas, já que a grande dificuldade encontrada por suas lideranças era a falta de organização entre os seus integrantes dentro e fora do movimento.

Fontes utilizadas para o artigo

A Plebe (19117-1951)

La Protesta (1892-2015)

Referências Bibliográficas

AHAGON, Vitor. Os impactos da Revolução Russa na imprensa anarquista de São Paulo. **Revista Pergaminho**, Pato de Minas, n. 10, p. 23-32, dez. 2019.

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANDRADE, Iamara Silva. **Ecos da Revolução Russa na Imprensa Operária Brasileira (1917)**. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen C. Varriale *et. al.* 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BLOCH, March. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: _____. **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998.

FALCÓN, Ricardo. **Democracia, conflito social y renovación de ideas (1916-1930)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

FERNANDES, André Santoro; DOS SANTOS, Kauan Willian. A bandeira vermelha e negra: posições políticas e estratégicas anarquistas frente à revolução social russa no Brasil. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 7, n. 19, p. 63-85, jan./jul. 2018.

FERREIRA, Fernando Sarti. O Sindicalismo Revolucionário argentino e a Revolução Russa. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, Macapá, n. 25, p. 28-55, jul./dez. 2018.

FERREIRA, Fernando Sarti. A ciência a favor do capital: a reestruturação produtiva na indústria argentina sob a ótica do La Protesta 1924-1930. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 15, p. 1-21, 2023.

GOMES, Leandro Ribeiro. A luta dos soviets e o vislumbre da anarquia: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira. **Revista Dia-Logos**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 59-70, out. 2012.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-199**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LOBATO, Mirta Zaida. **El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. A Revolução Russa avaliada por Florentino de Carvalho (1833-1947). **Revista Ecpolítica**, São Paulo, n. 19, p. 79-106, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

PRADO, Carlos. A Revolução Russa e o movimento operário brasileiro: confusão ou adesão consciente?. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 6, n. 12, p. 57-70, jan./jun. 2017.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 41, dez. 2010.

Submetido em: 18 jun. 2025

Aceito em: 20 jul. 2025